

EDITORIAL

UM POUCO DE “NOSSA HISTÓRIA”

Neste ano de 2004, a Universidade de São Paulo está fazendo 70 anos e com ela aniversaria também o curso de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, inserção que marcará os rumos da pesquisa e ensino de Geografia em função das possibilidades de “trânsito” dos pós-graduandos nos cursos de toda a faculdade o que, evidentemente, muda a qualidade de sua formação.

Podemos afirmar que o Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da FFLCH-USP tem particularidades criadas ao longo de uma história diferenciada em relação ao conjunto da Pós-graduação em Geografia, no Brasil. Inicia-se como um processo de titulação acadêmica, na década de 1930. Com a formação das primeiras turmas de estudantes, procurou-se viabilizar o acesso à titulação acadêmica por parte dos interessados. Possuidores de tese original, os candidatos inscreviam-se para a sua defesa. Esse mecanismo de acesso ao Doutorado vigorou durante as décadas de 1940 e 1950. A década de 1960 conheceu o embrião do sistema atual. Abria-se a possibilidade de instalação de “cursos de Pós-graduação” articulando-se formação a partir de rol de disciplinas oferecidas e a pesquisa propriamente dita. Nessa década, surgem os primeiros Mestrados defendidos na Geografia. Uma espécie de adaptação dos sistemas existentes no exterior. Este caminho, até certo ponto construído com autonomia pela USP, representava a cristalização do poder da cátedra como condutora e direcionadora da pesquisa na Universidade. Mas significava, também, a possibilidade da emergência de espaços democráticos de produção científica, no interior de uma escola marcada pela centralização da estrutura de poder. Ao mesmo tempo, abria-se a possibilidade da discussão

coletiva dos horizontes das pesquisas em Geografia no espaço do Conselho, que conheceu, nos anos de 1960, um processo de democratização que culminou no final da década com as Paritárias.

A reforma universitária de 1969 destrói, do ponto de vista formal e jurídico, as experiências começadas, e implanta o atual sistema de Pós-graduação. Desmontou-se o poder das cátedras, porém, restaurou-se o poder, quase absoluto, do orientador. Parece que esta foi uma grande perda, do ponto de vista do trabalho coletivo, abandonado por pressão ou por omissão daqueles que queriam ver restabelecido, por vias transversas, o poder das cátedras. E o acesso à Pós-graduação passava a ser caracterizado “não como um direito, mas uma oportunidade oferecida pela universidade”, em que o sistema seletivo passava a restringir o acesso à titulação. Limites de orientandos por orientadores, tempo de curso, seleção, etc. passaram a se constituir nos instrumentos limitadores e limitantes do acesso. Criou-se assim o Mestrado e Doutorado em Geografia Humana e Física, os dois Programas que coordenam a pesquisa configurando dois programas distintos (caso único no Brasil). Na realidade, trata-se dois programas de Pós-graduação, ainda que articulados e com a participação mútua dos docentes do Departamento. O acesso contempla duas possibilidades: o ingresso primeiro ao Mestrado, e depois desse, ao Doutorado; ou então, o ingresso direto ao Doutorado.

A década de 1970 marca o início da ampliação da Pós-graduação em Geografia, contraditando com os objetivos da reforma de 1969, consolidando as duas áreas e abrindo novas perspectivas para o desenvolvimento das pesquisas em Geografia. Era como se, titulado

pudesse agora fazer "escola" e, sem dúvida alguma, o faz. Novos pesquisadores, novas pesquisas, novas visões de mundo e novas metodologias, sacudiram a ciência geográfica, iniciando um movimento que, na década seguinte, ganhou o país todo.

Os anos de 1980 foram marcados pela crítica, e possibilitaram a produção de uma centena e meia de Dissertações e Teses defendidas. A década de 1990, com 522 trabalhos defendidos, quase que triplicou a produção da década anterior, abrindo perspectivas para a consolidação da massificação do programa de Pós-graduação em Geografia Física e Humana. Nesse período, observamos que a Pós-graduação em Geografia Física e Humana da USP constitui-se, praticamente, em centro formador de professores de todo o sistema de ensino superior em Geografia do País. Os dois Programas de Pós-graduação, Geografia Física e Geografia Humana, respondem por mais da metade dos doutores e quase um terço dos mestres formados em Geografia no Brasil.

No ano 2004, os dois Programas de Pós-graduação em Geografia **completam 60 anos**, depois da primeira defesa de Doutorado, realizada em 1944. Nesse período, mais de mil Dissertações e Teses foram defendidas

O desenvolvimento da pesquisa no DG constrói-se ao longo de sua história na pluralidade dos modos de pensar, fazer e ensinar a Geografia, permitindo uma amplitude e renovação de temas e caminhos teórico-metodológicos. E deste conjunto mais complexo deriva um leque de linhas de pesquisa, que compõem o horizonte possível da construção do pensamento geográfico, a partir do entendimento do mundo moderno através da perspectiva espaço-territorial, abrindo macros projetos temáticos nos dois programas de pós-graduação, que buscam interpenetrar-se (na prática). A pesquisa é um desafio e representa, coincidentemente, a possibilidade de descoberta que deve ser exercida com liberdade; por sua vez, o aprendizado deve permitir a atuação plena da personalidade do ser humano. Em um mundo em constantes

transformações, não há teorias prontas e acabadas. Esta postura marca profundamente a estrutura do programa de pós-graduação desde o seu nascimento e vem se aperfeiçoando, permitindo a plena realização da pesquisa num leque de teorias e abordagens que tem sido a riqueza da Geografia.

A proposta do programa, no que tange a atualização dos temas em vista das tendências da ciência, tem sido fortalecida pela troca com outras instituições nacionais e do exterior; seja através da recepção de alunos de outras áreas do país, seja pela realização de eventos temáticos, nacionais e internacionais, e da frequência de membros dos corpos docente e discente em eventos promovidos por outras instituições no Brasil e fora dele; seja ainda pela realização de cursos sob responsabilidade de professores convidados. Ressalte-se a frequência em eventos científicos, bem como o incessante intercâmbio entre professores e alunos das mais diversas instituições do Brasil e do exterior.

Podemos salientar, no momento, novos convênios estabelecidos com as universidades de Barcelona, de Paris, de Buenos Aires e de Moçambique, que oferecem oportunidades de atualização acadêmica e ampliação do debate a partir das pesquisas realizadas. As missões dos professores franceses, espanhóis e argentinos (principalmente) em São Paulo, têm permitido a realização nos últimos anos de work-shops, reuniões científicas, cursos para alunos de pós que têm contribuído de forma positiva à ampliação do debate. A criação dos "seminários de pesquisa" tem sido um espaço importante do debate entre alunos e professores da USP com os professores estrangeiros e de outras universidades brasileiras, criando um outro dinamismo para os programas.

A qualidade das pesquisas realizadas, marcadas pelo compromisso desta universidade com o progresso científico, continua sendo a meta buscada cotidianamente através do exercício da crítica e da manutenção do indispensável exercício da liberdade, que nos possibilita atuar no sentido do respeito às

diferenças. Diferenças que concretamente se realizam enquanto reconhecimento da existência de linhas teórico-metodológicas divergentes, embasando o ensino e a pesquisa e a produção de um conhecimento que se pretende plural.

A melhor comemoração que podemos fazer, neste ano de 2004, é a realização de um

seminário apresentando o trabalho de pesquisa de professores e pós-graduandos do Departamento de Geografia sobre São Paulo que tem por tema "**As geografias da metrópole**" e o lançamento da Obra, em dois volumes, com o mesmo título, no momento em que São Paulo está fazendo 450 anos.

Ana Fani Alessandri Carlos
Ariovaldo Umbelino de Oliveira